

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: HERANÇA CULTURAL E FAMILIAR-
POSSIBILIDADES DE ENSINO/APRENDIZAGEM.**

(Trabalho Curricular referente à disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História)

Autor: Ana Tassira dos Santos Ribeiro de Oliveira.

Acadêmica do 6º Período do curso de Pedagogia.

Universidade Federal do Maranhão- UFMA, e-mail: anatassiraribeiro@hotmail.com

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: HERANÇA CULTURAL E FAMILIAR-
POSSIBILIDADES DE ENSINO/APRENDIZAGEM.**

Ana Tassira dos S. Ribeiro de Oliveira.

Acadêmica do curso de Pedagogia, 6º Período, pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

RESUMO:

O intuito deste trabalho é resgatar brinquedos e brincadeiras do passado como possibilidade de ensino/aprendizagem. Nos dias atuais é comum nos depararmos com crianças dependentes de tecnologias, sedentárias e professores que mal utilizam brinquedos e brincadeiras como suporte em sala de aula. Ao longo da história foram construídas diversas concepções de infância, hoje, ao entender a criança produtor de cultura, não podemos deixar de pensar no tempo e no espaço da brincadeira como uma forma da criança conhecer e transformar o mundo em que vive. Logo, trazer brinquedos e brincadeiras tradicionais ao convívio escolar, não só amplia o repertório destas como também cria novas formas de aprendizagem. Por isso, resgatá-las na história possibilita às crianças não só um contato com o passado, mas também com suas raízes culturais e familiares; permite ainda aos professores e familiares, reviverem memórias e desenvolverem as dimensões cognitiva, afetiva e psicomotora das crianças.

Palavras-Chave: Brinquedos. Brincadeiras. Ensino. Aprendizagem.

1- INTRODUÇÃO

Antes de falarmos sobre brinquedos e brincadeiras, é importante contextualizar o sentido da infância e suas peculiaridades ao longo da história. Ariès (1986) escreve que a concepção de desenvolvimento humano na Idade Média está relacionada com a ação que os humanos exerciam na sociedade. Os diferentes períodos vividos pelos indivíduos correspondiam não apenas à sua formação biológica, mas também estavam relacionados às suas funções sociais. A partir do século XVI, ao contrário do que valia para a civilização medieval, aparecem diferenças entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos. No século XVII, algumas mudanças contribuem de forma definitiva para a concepção de infância atual.

No Brasil, o processo de desenvolvimento e urbanização vivido desde o final do século XIX caracterizou-se industrialização, favorecendo a reprodução das condições sociais de miséria e extrema pobreza. As propostas que vão ter importância nas políticas educacionais adotadas fundamentaram-se em programas de educação compensatória, baseados na teoria da privação cultural.

A criança pobre era considerada um problema que deveria ser resolvido; em função disso, foram definidos parâmetros na legislação trabalhista, visando um atendimento institucional. As instituições pré-escolares assistencialistas seguiam a proposta educacional que vinha ao encontro das diretrizes da assistência científica (praticada nas creches e asilos) tendo também como finalidade a submissão das famílias e das crianças das classes populares. A educação, nesta perspectiva, tinha uma prática intencional que visava ao atendimento da criança para sua adaptação na sociedade: era-lhe permitido desenvolver suas aptidões e ela era conduzida à entrada no ensino formal e à escolha de um ofício. Definiu-se um novo lugar para a criança e para a família, fruto das novas relações sociais que se estabeleciam pela então sociedade capitalista. O conceito de infância foi construído a partir das relações sociais estabelecidas e não em função de uma essência ou natureza da criança.

Os brinquedos e brincadeiras fazem parte da vida de todos os indivíduos, mas na maioria das vezes ao longo do tempo, foram negados como objeto peculiar da infância e como fonte de ensino/aprendizagem. Resgatar brinquedos e brincadeiras, discutir suas contribuições, bem como suas funções no processo de ensino/ aprendizagem são muito válidos nos dias atuais, visto que é cada vez mais comum nos depararmos com crianças sedentárias, estressadas, dependentes de tecnologias e que não sabem brincar.

Trazer brinquedos e brincadeiras do passado para o cotidiano das crianças dentro da sala de aula é refazer um percurso prazeroso e uma possibilidade não só de ensinar e aprender, mas também, cultivar memórias e heranças familiares e culturais, aproximando a família para o convívio escolar e vice-versa. A experiência lúdica se alimenta continuamente de elementos que vêm da cultura. Essa influência se dá de várias formas e começa com o ambiente e as condições materiais. O que dizem e o que fazem os adultos a respeito dessa atividade, bem como o espaço, o tempo e os materiais colocados à disposição das crianças (na cidade, nas moradias e nas escolas), são aspectos que vão ter papel fundamental para o desenvolvimento da experiência lúdica.

Questões trazidas para a sala de aula pelo professor, tais como: “Quais os brinquedos do tempo da vovó e do vovô? Do quê e como brincavam os mais velhos? As brincadeiras eram em grupos ou individuais?” instigam no aluno o desejo de buscar respostas para estas

questões, nutre o pensamento ontológico do materialismo dialético. Quanto mais esta busca for feita com pessoas de mais idade como, por exemplo: avós, pais e tios, mais aumentam as chances da percepção do aluno sobre o espaço e sociedade em que vive.

Na brincadeira a criança cria uma ruptura entre sentido e significado de um objeto e, durante a brincadeira um objeto cria vários sentidos e possibilidades de brincar. Refletir sobre as práticas pedagógicas atuais e analisar de que forma os brinquedos e brincadeiras estão inseridos na escola, na vida das crianças e qual a finalidade destes no contexto social e escolar. Dessa forma, enfatizar a professores e alunos a importância de envolver-se com brinquedos e brincadeiras no processo ensino/ aprendizagem e como isto é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor.

2- BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS SÃO POSSIBILIDADES DE ENSINO/APRENDIZAGEM DENTRO E FORA DA SALA DE AULA.

A brincadeira, bem como os brinquedos são recursos que podem estimular o desenvolvimento infantil e proporcionar meios facilitadores para a aprendizagem escolar. Ao utilizar brinquedos e brincadeiras como um recurso escolar, o professor aproveita uma motivação própria das crianças para tornar aprendizagem mais atraente; entretanto, algumas escolas e professores encontram dificuldades que impedem a utilização desses recursos (brinquedos e brincadeiras) como um facilitador na aprendizagem.

Brincar é a atividade predominante na infância e caracteriza as peculiaridades desta fase. A relação entre brinquedos e brincadeiras com o desenvolvimento da criança, entre outros objetivos como a educação e aprendizagem, é um fato que deve ser considerado e evidenciado, pois as contribuições que os brinquedos e brincadeiras oferecem ao desenvolvimento infantil e à aprendizagem são únicos e decisivos para a formação humana. Leontiev (1988) acentua que a ação no brinquedo, não provém da situação imaginária, mas, pelo contrário, é essa que nasce da discrepância entre a operação e a ação; assim, não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela.

O brincar assume um papel essencial porque se constitui como produto e produtor de sentidos e significados na formação da subjetividade da criança. Essa atividade proporciona um momento de descontração e de informalidade que a escola pode utilizar mesmo que isso possa parecer um paradoxo já que o seu papel, por excelência, é o de oferecer o ensino formal, mas tendo também de exercer um papel fundamental na formação do sujeito e da sua

personalidade. Portanto, passa a ser sua função inclusive a de oferecer atividades como a brincadeira.

A função do brinquedo é essencialmente a brincadeira e definir brincadeira não é muito simples, pois o que pode ser considerado como brincar, em determinado contexto, pode não o ser em outros. Segundo Vygotsky (1991), o brinquedo não é simbolização, mas sim atividade da criança. Mesmo sem considerarmos, muitas vezes, o brinquedo como um aspecto predominante da infância ele é de extrema importância, já que por meio dele criam-se várias zonas de desenvolvimento proximal ou imediato.

É importante que o professor perceba que a forma como a criança reage ao objeto; que a brincadeira não é simplesmente um produto do processo da sua interação com o objeto no momento, mas um produto de sua história pessoal e social. Kishimoto (1994) conceitua o brinquedo como o objeto suporte da brincadeira. Brougère e Wajskop (1997) vão além quando consideram o brinquedo um objeto cultural que, como muitos objetos construídos pelos homens, têm significados e representações. A função social do brinquedo não é apenas a brincadeira, mas também aprendizagem e o desenvolvimento e isso se dá dentro e fora da escola e com participação de todos: professores, colegas, família e meio sociocultural.

Brincar é uma atividade espontânea de inúmeros benefícios a vida da criança. Arce (2002) escreve que a educação deve seguir o livre desenvolvimento, não podendo ser prescritiva, determinista e interventora, pois assim destrói a origem pura da Natureza do educando. A perspectiva sociocultural estuda o brincar a partir da concepção de que é o social que caracteriza a ação na atividade lúdica do sujeito. Vygotsky (1991) afirma que esta é uma situação imaginária criada pela criança e onde ela pode, no mundo da fantasia, satisfazer desejos até então impossíveis para a sua realidade [...] o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato. Ressalta ainda que a brincadeira cria zonas de desenvolvimento proximal e que estas proporcionam saltos qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil.

Portanto, o brincar “é imaginação em ação” e nasce das necessidades de cada criança. Ao brincar a criança se apropria e acumula informações e experiências, aprendem a lidar com os sentimentos, resolvem conflitos, interagem com outras crianças, com adultos e com o meio. Elas desenvolvem a imaginação, criatividade para resolver problemas. É inegável a influência social e cultural do brincar, suas influências comportamentais e de desenvolvimento ajuda na aquisição e apreensão dos diversos saberes.



3- RESULTADO

Concluo que resgatar brinquedos e brincadeiras devolvendo-os ao contexto social da criança é reforçar decisivamente sua aprendizagem. Brincar além de importante, soma informações e experiências, oportuniza o acúmulo de conhecimentos, habilidades e práticas. Por meio da brincadeira as crianças interagem, resolvem conflitos, se submetem a regras, desenvolvem a imaginação e a criatividade, são estimuladas e estimulam as diversas linguagens.

Reafirmo que não existe idade para brincar, mas a melhor idade é a infância; por isso, resgatar brinquedos e brincadeiras na história possibilita às crianças um contato não só com o passado, mas também, com suas raízes culturais e familiares; permitindo-lhes a ampliação de conhecimentos e o desenvolvimento das dimensões cognitiva, afetiva e psicomotora, fundamentais na formação do ser humano.

Além disso, os professores devem propor atividades que vislumbrem tanto o ensino/aprendizagem quanto a infância, mas que tenham relação entre o lúdico e a realidade, visto que as duas ações podem se enriquecer mutuamente. Desse modo podemos concluir que brinquedos e a brincadeiras integram os processos de construção de conhecimento.

Então, faz-se necessário o olhar consciente e atento do professor na busca de alternativas e meios facilitadores do processo ensino/aprendizagem. Brincar promove sim a aprendizagem da criança e impulsiona a aquisição de diversos saberes. Além disso, por meio da brincadeira, as crianças conseguem aprimorar conhecimentos prévios, habilidades e cognição. Tudo isto é exercitado de forma prazerosa e vivenciado em situações individuais e coletivas e há uma necessidade latente em utilizar brinquedos e brincadeiras no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil de forma adequada, pois a atividade do brincar já existe na escola, mas na maioria das vezes essa prática não é um recurso para a aquisição de conhecimentos e saberes.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. **A pedagogia na era das revoluções: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel.** Campinas: Autores Associados, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2a edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BROUGÈRE, G.; WAJSKOP, G. **Brinquedo e cultura.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998.

LEONTIEV, A.N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.